

## ALTO BONITO

Desde que Paulo Afonso chegou ao Alto Bonito, que sonhava com uma oportunidade de ir lá, à noite, para apreciar a iluminação na terrinha onde vi-  
vi a minha infância. Naquele tempo só se via rua clara no Alto Bonito quan-  
do a lua exibia a cara redonda, “prateando a solidão, como diria o Catulo...  
5 De dia eram os cavalos de pau e as arapucas nas capoeiras de cansa-cavalo  
ou moleque-duro da casa de Báia... (Pedro da Báia tinha uma cachorra chama-  
da “Deixa-fama”; e a gente bolia com ele dizendo que o nome da cachorra  
era “deixa-fome”. Danava![])

10 Como ia dizendo: sonhava com uma oportunidade de ver o Alto Bonito  
de noite, desde que levaram Paulo Afonso pra lá. Um dia desses, dia de do-  
mingo, dia de feira no Alto Bonito, lá estive à tarde e entrei pela noite...  
Domingo, dia de feira no Alto Bonito! Cadê você, Catarino? Lembro de seu  
companheiro de pinga – Pedro Zóio, bebendo cachaça e fazendo barulho aos  
15 domingos... Mestre Elias... Zé Trapaiado.. Nenem Quixe, que continua no  
Alto Bonito de hoje... cabeça de algodão, aposentado, apesar disto, ainda  
dando duro na lua da sela, em viagens a Mundo Novo, buscando jornais,  
revistas, brungunos do patrão... D. Fiinha, que neste ano de 78, chega ao fim de-  
pois de ter assistido a passagem de seu centéssimo-décimo-oitavo aniversário.  
20 Naquê tempo Alto Bonito não tinha rádio de pilhas, não tinha Paulo  
Afonso, não tinha televisão... Mas tinha muita fé católica e muita alegria. Fé  
e alegria que explodiam em festas memoráveis, nas novenas de Sant’Ana e no  
mês de Maria... E tinha os umbuzeiros dos pastos de Amado Bahia, alegria  
dos meninos... E a mangueira de Papai em cuja sombra se fazia a feira, on-  
de se vendiam brevidades e pipocas de goma de Mitila. E a boniteza mar-  
cante de Vicentina, a menina mais bonita do arraial! E as outras meninas...  
25 Namoricos infantis na escola... Vicentina não dava bola pra nenhum...  
A escola... professores sucessivos: D. Zizinha, Maria Candida, João Vilaronga,  
professor Pô{p}/j\o, que era doente: Veio da Bahia [(]Salvador), para tomar ares  
30 no Alto Bonito. Tinha tosse seca e bebia mel de urucu. Quem não queria  
botar menino na escola de Papai, botava na de Iaiá das Piabas... Não tinha  
escola municipal. E muito menos estadual. Papai é quem não deixava Alto Bonito  
sem escola. Mãe que ele tinha. Agora Alto Bonito tem escola municipal,  
escola estadual... E tem caras diferentes, caras diferentes... Neste Alto bonito  
35 de hoje sou quase um desconhecido. Parece que me vêem com cara de fo-  
rasteiro... com ares de turista... O que não está muito diferente é noite sem  
lua: — as ruas continuam no quase escuro — de 24 lâmpadas que botaram nas  
ruas só vi 4 acesas... E, assim mesmo, fraquinhas... parecendo de 100 velas  
ou menos, apesar de informação em contrário. Penduradas do cocorute de  
40 postes muito altos, parecem arremedos de fifós... Não culpo a administra-  
ção municipal. culpo os residentes atuais que não botam a boca no mundo,  
gritando por reposição de lâmpadas... e lâmpadas eu não façam papel de  
fifós... “Quem não chora não mama”, minha gente! (I)  
Alto Bonito! de Jeremias... De Mãe Andreza... Alto Bonito de meu  
45 gado de osso... Alto bonito que já era...

Mundo Novo, 14/7/1978.

EULALIO MOTTA

( ) - Depois de escrito esse comentário, soube que as lâmpadas apagadas foram reacesas.